



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Marília



**CULTURA
ACADÊMICA**
Editora

Introdução

Marcos Antonio Alves

Como citar: ALVES, M. A. Introdução. *In:* ALVES, M. A. (org.). **Cognição, emoções e ação.** Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2019. p. 15-22.
DOI: <https://doi.org/10.36311/2019.978-85-7249-019-1.p15-22>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

INTRODUÇÃO

A busca pela compreensão de si mesma é um dos propósitos mais antigos da humanidade. Seja no âmbito do senso comum, filosófico ou científico, o ser humano procura explicitar as suas características, semelhanças e diferenças com os demais entes, suas relações com o meio. Em grande parte destas investigações entende-se que os seres são constituídos de cognição, emoções e ações em constante interação. Embora possuam semelhanças, as perspectivas apresentam inconsistências, divergindo, por exemplo, na natureza das interconexões ou nos portadores destes elementos. Neste último caso, muitas abordagens consideram unicamente os humanos como detentores da cognição e emoção, assegurando-lhes a exclusividade da ação moralmente avaliável. Em outras abordagens, animais não humanos ou sistemas como robôs poderiam, de um modo ou de outro, possuir cognição, emoções e, assim, de alguma forma, ser considerados agentes morais.

Este livro reúne contribuições de diversas áreas e perspectivas referentes ao estudo da cognição, emoção e ação e das interconexões entre elas. Considerando o seu caráter filosófico-interdisciplinar, além da profundidade dos textos, como regra geral, houve a preocupação de explicitar os seus principais conceitos, delimitando-lhes o significado, buscando evitar ambiguidades ou imprecisões. Isso, além da autossuficiência dos capítulos, facilita a compreensão da sua linha argumentativa, favorecendo o diálogo entre especialistas das disciplinas envolvidas.

Os capítulos, muitos deles oriundos da XXXI Jornada de Filosofia e Teoria das Ciências Humanas da Unesp, realizado no campus de Marília/SP, foram agrupados em três partes, de acordo com a predominância de seu conteúdo: história da filosofia; ciências cognitivas; ciências humanas e sociais. Tal classificação é um tanto artificial e arbitrária, uma vez que os capítulos não são exclusivamente da área em que foram categorizados. Assim, os textos de uma área podem possuir elementos de outras disciplinas. Isso

<https://doi.org/10.36311/2019.978-85-7249-019-1.p15-22>

é coerente com a abordagem interdisciplinar do livro e, com frequência, dos próprios capítulos.

A primeira parte deste livro está composta por textos que apresentam abordagens do tema em questão de diferentes períodos da história da filosofia. Apresentados em ordem cronológica dos filósofos retratados, os capítulos visam, de um ponto de vista crítico, expor as ideias centrais dos pensadores referidos.

No primeiro capítulo, “Razão, desejo e os limites das escolhas das ações na filosofia prática aristotélica”, Reinaldo Sampaio Pereira examina as capacidades para o agir possuídas pelo ser humano segundo Aristóteles. Esta análise é realizada a partir da perspectiva das potencialidades a ele conferidas pela alma. O autor mostra que a natureza de cada ente, na qual as partes da alma assumem papel preponderante quando se pensa a natureza de cada um deles da perspectiva do seu comportamento, de certo modo, determina o tipo de comportamento que lhes são atribuídos. No caso do ser humano, ele se enquadra como moral. Para tanto, primeiramente, Reinaldo examina comparativamente o comportamento dos entes inanimados e dos animados, para, a seguir, examinar, nos entes animados (distinguindo-os em três grupos: as plantas, os animais irracionais e os seres humanos), as capacidades que cada parte da alma lhes confere.

O segundo capítulo, intitulado “Do controle das emoções e ações físicas segundo Descartes: em busca do bem-viver”, é de autoria de Marcos Antonio Alves. Ele trata das relações entre a cognição, as emoções e a ação física, visando expor a abordagem cartesiana da possibilidade do controle das paixões da mente e das ações, ou movimentos do corpo. O autor explica que, para Descartes, o ser humano é constituído de uma alma, ou mente, e de um corpo, substancialmente distintos, em constante interação causal. As paixões da alma, assim como a cognição e o querer, que constituem ações da alma, são modos de pensamento a ela pertencentes. As ações (movimentos do corpo) podem, a partir do movimento dos espíritos animais e da glândula pineal, causar paixões na alma. Estas, por sua vez, também podem influenciar na realização dos movimentos físicos, por intermédio da vontade e da razão. Como seres racionais e volitivos, o ser humano possui condições de controlar suas paixões e ações físicas, em busca do bem-viver. Alves explica como isso é possível, segundo a visão do filósofo moderno.

O terceiro capítulo, de Tessa Moura Lacerda, intitula-se “Leibniz e Espinosa: paixões na modernidade”. Conforme a autora, a modernidade se debruça sobre o tema das paixões, tendo como pano de fundo a filosofia estoica. Descartes e, depois, Espinosa, esforçaram-se para definir as paixões como dados da natureza humana em oposição aos estoicos. Leibniz, como Espinosa, discípulo de Descartes, atribui um papel importante às paixões ao pensá-las como dados essenciais do que define os indivíduos. Do ponto de vista do conhecimento, as paixões, que nascem da relação de nossos corpos com todos os demais, são percepções obscuras. A tarefa ética é a busca de um esclarecimento progressivo da confusão e obscuridade que nos define enquanto criaturas. Tessa perpassa rapidamente as abordagens de Descartes e Espinosa para, depois, analisar com mais vagar a proposta de Leibniz sobre as paixões e sua relação com a cognição e a ação.

O quarto capítulo, “Reflexões Adicionais sobre Escolhas, dogmatismos e apostas – Justificando o realismo de Peirce” é escrito por Ivo Assad Ibri. Trata das bases estruturantes do realismo de Peirce, evidenciando que tal postura está intimamente ancorada em sua filosofia desde seus primeiros escritos, onde o próprio cerne de seu pragmatismo também se desenha. O realismo advém como hipótese ontológica que justifica a possibilidade de nossa racionalidade em sua função preditiva, a saber, de adivinhar o curso futuro dos fatos para adequar nossa conduta à realidade, representando-a por verossimilhança. Ibri discute, ao longo do texto, a conciliação lógica necessária entre realismo e representacionismo, legitimando a construção de mediações capazes de facultar escolhas, cuja alternativa seria a prática de *apostas* em face de se conceber uma faticidade destituída de forma lógica, inepta, portanto a lastrear uma conduta racional imersa em mera acidentalidade.

O texto que fecha esta primeira parte é “Conhecimento e Sentimento: de Burton e Wittgenstein ao Monismo de Triplo Aspecto”, de Alfredo Pereira Júnior. O autor argumenta, a partir de Burton e Wittgenstein, e assumindo a ontologia do Monismo de Triplo Aspecto, que conhecer e sentir são duas funções mentais diferentes e complementares. Assumindo esta ontologia, duas tarefas filosóficas se colocam, diz Alfredo: a) Repensar a Teoria do Conhecimento como Teoria da Consciência; b) Investigar a complementaridade do conhecer e do sentir na Teoria da Consciência. Alfredo defende pela equivalência - para fins práticos - das

posições filosóficas denominadas por ele de “racionalismo moderado” e “emotivismo construtivo”.

A segunda Parte é constituída por textos cujo conteúdo predominante pertence a alguma das ciências cognitivas. Embora contenham elementos da filosofia ou da psicologia, por exemplo, tais textos são, em sua essência, referentes às neurociências, inteligência artificial, robótica, psicologia cognitiva. Uma característica que os identifica é o uso de pesquisas empíricas como base para a defesa de suas teses.

No primeiro capítulo desta parte, de cunho bastante filosófico, intitulado “Conceitos populares, pesquisas e ação intencional”, Frederick R Adams e Annie Steadman consideram importantes descobertas empíricas sobre julgamentos de senso comum referentes a ações intencionais e pretensão. Eles apresentam e discutem as descobertas empíricas de Joshua Knobe, Hugh McCann e deles mesmos. Nestas descobertas, há dados consideráveis mostrando que o senso comum julga algumas ações como intencionais, mas sem pretensão. Eles analisam se estas descobertas oferecem suporte à visão de que algumas ações podem ser intencionais, mas não pretendidas. Argumentam que elas não garantem isso e que há algo de pragmático na linguagem intencional que explica melhor tais julgamentos populares. Discutem o papel das pesquisas no fazer filosófico. Buscam mostrar, em suas descobertas, haver uma distinção importante na mente do cidadão comum (e na lei) entre agir conscientemente e agir intencionalmente. Eles descobrem que o senso comum por vezes ignora esta distinção quando deseja culpar um agente por um erro ou um prejuízo.

O segundo capítulo, “Motivação e emoções em criaturas naturais e artificiais”, é escrito por Ricardo R. Gudwin. Segundo o autor, arquiteturas cognitivas são versões computacionais de modelos cognitivos humanos ou de outros animais aplicados no desenvolvimento de sistemas inteligentes exibindo capacidades cognitivas inspiradas em habilidades cognitivas e aplicadas a sistemas artificiais. Gudwin enfatiza como emoções e motivações podem ser usadas como fonte de inspiração para a construção de sistemas inteligentes, gerando emoções e motivações sintéticas em criaturas artificiais. Analisa, ainda, como essas ideias vêm gerando diferentes trabalhos aproveitando essa inspiração e quais as perspectivas que ele entende ser o “estado da arte” sobre este tópico. Ao final, desenvolve uma proposta que

visa unificar as diferentes abordagens sobre o tópico, buscando contemplar as posições apontadas no presente estudo.

O Terceiro capítulo, intitulado “Emoção, afeto e racionalidade: em direção a uma ontologia do agente cognitivo” é uma coautoria de Leonardo Lana de Carvalho, Elayne de Moura Braga, Alessandro Vivas Andrade e Luciana Pereira de Assis. Eles expõem ontologias para a modelagem do agente cognitivo pela desconstrução da oposição entre racionalidade e emoção. De uma perspectiva evolutiva sobre afeto, emoção e racionalidade são defendidos como informações. Qualidades afetivas possuem seu fundamento *na ação* como processos semióticos emergentes em sistemas autopoieticos. Esta visão confere aos afetos e emoções uma dimensão informacional típica de sistemas complexos adaptativos. Os autores concluem que esta perspectiva sobre a qualidade afetiva é bem mais promissora para a concepção de arquiteturas de agentes artificiais afetivos do que as que a entendem do ponto de vista energético ou como ruído em sistemas de informação.

O quarto capítulo, de Jonas Gonçalves Coelho, é nomeado de “A relação mente-cérebro e o efeito placebo: uma abordagem dupla face”. Admitindo a existência do fenômeno conhecido como efeito placebo, o autor assume ser este um tema privilegiado para se refletir sobre a relação entre mente consciente e cérebro, num contexto mais amplo envolvendo o corpo e o ambiente externo ao corpo. Ele propõe interpretar o efeito placebo, tomando a dor/analgesia placebo como exemplo paradigmático, a partir de uma Abordagem Dupla Face da Relação Mente-Cérebro cujos pontos principais são os seguintes: 1. A mente, entendida como mente consciente, e o cérebro, incorporado e situado física e mentalmente, são distintos, inseparáveis e irredutíveis; 2. Ao procurar entender os processos mentais conscientes – existência, forma e conteúdo -, é imprescindível que se considere as suas bases cerebrais, estruturais e funcionais, microfísicas e macrofísicas; 3. Ao procurar entender a organização estrutural e funcional do cérebro, em seus níveis microfísico e macrofísico, deve-se considerar não apenas a sua história biológica, mas também o papel dos processos mentais conscientes.

“Mapas corporais da ação, cognição e emoção: A sciência do espaço do corpo e a sciência do corpo no espaço”, assinado por Leonardo Ferreira Almada, encerra a segunda parte deste livro. O autor investiga os papéis desempenhados pelo corpo tanto na constituição da mente quanto

nos modos mediante os quais nós experienciamos nossos corpos à luz de uma abordagem corporificada, a partir do confronto entre as abordagens representacionista e sensorio-motora da sciência (*awareness*) corporal. Discute o papel desempenhado pelas ações na sciência corporal, o que lhe exige uma análise das relações entre ação, cognição e emoções com os mapas corporais, bem como uma discussão dedicada ao escrutínio das noções de percepção do espaço do corpo e da sciência do corpo no espaço. O autor expressa ser, primariamente, instigado pela seguinte questão: qual o efetivo papel da ação, das emoções e da cognição nos mecanismos de sciência corporal? Diante de um desafio que, na visão do autor, provavelmente demanda análise empírica, ele busca problematizar as principais dimensões envolvidas na concepção de sciência corporal e, mais precisamente, a relação entre a corporeidade e seu espaço circundante, bem como a representação do corpo da experiência da corporeidade e do espaço peripersonal por meio dos mapas de corpo.

A terceira parte agrupa textos cujo conteúdo pertence, primordialmente, a disciplinas como a psicologia, em subáreas e vertentes como a psicologia comportamental e a psicanálise, além da antropologia e educação. Assim como nas outras duas partes, os capítulos apresentam elementos de disciplinas como a filosofia e as neurociências.

Produzido por Sandro Caramaschi, “Emoções em continuidade no ser humano e nos animais: como saber o que eles sentem?” abre esta parte do livro. Seu objetivo básico consiste em lançar luz referente às evidências e dificuldades em se estudar os aspectos emocionais e motivacionais dos animais não humanos, em contraponto com as emoções humanas. Ele propõe muito mais a discussão adaptativa e metodológica sobre como investigar aspectos afetivos dos animais, especialmente não humanos, do que adentrar na dimensão conceitual das emoções. O autor explora algumas das possibilidades de abordar essa problemática com exemplos ilustrativos das possibilidades e restrições sobre a investigação das emoções nos animais não humanos e mesmo nos seres humanos, as quais se constituem numa continuidade adaptativa.

O segundo capítulo, de Tiago Ravello, é intitulado “Dos afetos e seus impasses na Psicanálise. Conforme o autor, a partir do fundamento segundo o qual “os histéricos sofrem de reminiscências”, Freud eleva as

paixões, os afetos, as emoções e o peso exercido por esses fenômenos humanos nas histórias individuais à condição de um novo campo de interesse científico, qual seja: a psicanálise. O campo psicanalítico, ressalta Tiago, vive constantemente na tensão entre dois polos diametralmente opostos de discussão a respeito justamente do campo afetivo: de um lado, deve fazer frente aos discursos de redução neurocientífica das paixões, ao defender uma clínica sustentada na fala; de outro lado, busca posicionar-se quanto às diferentes teorias linguísticas para delimitar uma concepção de inconsciente que não seja contraditória aos estudos da linguagem. O autor, a partir disso, expõe, inicialmente, um panorama geral desta tensão no campo psicanalítico e seus respectivos problemas. Em seguida, apresenta alguns elementos conceituais referentes ao campo dos afetos para sua abordagem em termos discursivos. Por fim, desenvolve alguns impasses conceituais referentes à temática do afeto, considerando as relações entre corpo e linguagem, e como isso impacta a construção das clínicas freudiana e laciana.

O terceiro capítulo, denominado “Os afetos emocionais segundo Panksepp, comparados com Damásio e com o materialismo observacional”, é uma parceria entre Mônica F. Corrêa e Osvaldo Pessoa Jr. Conforme eles elucidam, o neurocientista Jaak Panksepp é conhecido por seu estudo das “emoções básicas” em animais não humanos. Ele defende que as emoções se formam no encéfalo em regiões subneocorticais concentradas no sistema límbico, evolutivamente antigas e, portanto, presentes em todos os mamíferos. As mesmas regiões encefálicas que produzem emoções, com seus aspectos fisiológicos e comportamentais, também produzem os “afetos emocionais”, que são a versão sentida ou vivenciada de um episódio emocional. Panksepp identificou sete sistemas encefálicos produtores de emoções básicas. Dado isso, os autores, por um lado, examinam a noção de “consciência afetiva” que deriva da abordagem da Neurociência Afetiva. Por outro, fazem uma comparação com as concepções de António Damásio e com a perspectiva do “materialismo observacional”, posição filosófica que interpreta a consciência fenomênica como observação de partes do encéfalo. Os autores argumentam que o materialismo observacional é consistente com as concepções de Panksepp e de Damásio.

No quarto capítulo, “Emoção e falhas morais: uma análise crítica da relação entre empatia e moralidade”, Mateus Machado Pinto de Almeida e Gustavo Leal Toledo tratam da relação entre empatia e moralidade. A empatia pode ser entendida como o fenômeno que permite aos

seres humanos participarem das experiências emocionais de outras pessoas. Ela permite que nos coloquemos na posição do outro para sentir sua dor ou sua alegria, explicam os autores. O principal objetivo dos autores consiste em mostrar que a relação entre empatia e moralidade é mais complexa do que podemos imaginar de antemão. Eles procuram desafiar a ideia de a empatia ser essencial para a moralidade, além de apresentar algumas situações em que a empatia dificilmente nos conduzirá para um tipo de comportamento que aprovaríamos.

Encerrando esta parte e o próprio livro, Gisele Toassa assina “Muito além dos padrões: as emoções como objeto interdisciplinar”. A autora lembra, inicialmente, que a palavra Emoção atravessa tanto a linguagem coloquial quanto as teorias científicas e filosóficas e vem se impregnando de acepções nem sempre fundamentadas em pesquisas mais aprofundadas. Ela afirma ainda que, no confuso contexto das doutrinas científicas do início do século XX, o *Teoría de las emociones. Estudio histórico-psicológico*, de L.S. Vigotski, endossou a ideia de Bentley segundo a qual as emoções eram apenas título de um capítulo dos livros de psicologia, sendo muito discutidas e pouco compreendidas. A partir desse texto vigotskiano, a autora expõe alguns problemas teóricos que habitam esse campo de estudos interdisciplinares, aqui revisitado por meio do *What is emotion?: history, measures and meanings*, de Jerome Kagan. Tal exposição é norteada por importantes objetivos da psicologia histórico-cultural das emoções: sua compreensão como objeto interdisciplinar das ciências biológicas e humanas, as quais contribuem com diferentes conhecimentos sobre a causalidade, dinâmica e natureza do que chamamos de “emoção”.

Assim está composta esta obra. Desejamos que ela possa contribuir para o desenvolvimento do tema abordado, estabelecer parcerias entre autores e leitores, auxiliando o desenvolvimento da pesquisa acadêmica no Brasil. Obrigado por sua leitura!

Marília/SP, março de 2019
Marcos Antonio Alves
Organizador do livro